

ID: 119939104

04-11-2025



Francisco Simões
Investigador Auxiliar ISCTE

“Roquambulesco” ou a fuga em direto

Ensinou-me um professor numa cadeira de políticas públicas que com o dinheiro se pode, essencialmente, fazer três coisas: pagar impostos, consumir e poupar. Esqueceu-se de acrescentar a possibilidade de investi-lo, mas o dano já estava feito. Os meus sonhos de descobrir na teoria económica múltiplas nuances e, quiçá, um novo sentido de vida, foram logo ali destruídos. Mas é essa a virtude da síntese: não deixa o ser humano acalentar falsas esperanças. Está alguém muito certo de ter encontrado novas e múltiplas variações para resolver um determinado problema ou ampliar o conhecimento quando, afinal, se limita a reinventar ou reintroduzir uma verdade de ordem superior, preexistente.

Na ciência que me cumpre dominar, não se escapa, também, à mais brutal das sínteses. Andamos nós por aqui, abnegados num quotidiano de inventariações e hipóteses sobre o comportamento humano e todo ele deriva, tão-só, de três possibilidades: atacar, congelar ou

fugir. Dirão os mais sofisticados, que lá estou eu a simplificar e, portanto, a reduzir em demasia o arco da realidade, sobretudo no que à fuga diz respeito. Avessos ao resumo, alguns mesmo padecendo de reação alérgica extrema às categorias aristotélicas, falarão das múltiplas formas que o ato de fugir poderá assumir, enumerando-as, se preciso for.

Há, desde logo, “o amanhã, vê-se”. Evita-se aquilo que hoje nos custa em demasia, o que poderá ser até avisado. Uma noite bem dormida ou um melhor apuramento dos factos costumam ser boas estratégias, desde que não se evite sempre e em demasia. Aí, a fuga transforma-se em hábito, também conhecido por procrastinação e sobre a qual os psicólogos gostam de falar em abundância. Portanto, fica o conselho: evitem o tema quando um deles estiver por perto.

Depois há a fuga para a frente, de quem assume mais do que pode alguma vez alcançar, prestando-se a gorar expectativas, as suas e as alheias. E por que não falar da fuga à retaguarda como tática de guerra? Ou da própria arte da

fuga, incluindo na composição musical, combinando repetições e vozes até confundir a audiência e pô-la, quiçá, em debandada? Isto para não falar, ainda, das fugas pelo flanco esquerdo, das quais guardo memórias de um certo Madjer numa final europeia de boa memória.

Hoje, a política não está para fugas e amuos, muito menos as que são fundadas na ofensa e numa putativa superioridade moral.

Dirão tudo isto e muito mais os defensores da fuga como prelúdio para a novel arte da fuga em direto. Sobre esta última tendência, advertiria, no entanto, os mais requintados para o facto do seu exercício em direto parecer o que o que realmente é - cobardia. Talvez fugir fosse o mais apropriado no tempo da associação de estudantes de um li-

ceu qualquer ou de uma escola privada em Lisboa. Ou até mesmo das reuniões de juventudes partidárias, presumo eu muito dadas a discussões birrentas. Hoje, a política não está para fugas e amuos, muito menos as que são fundadas na ofensa e numa putativa superioridade moral. Pior, qual pandemia, logo grassam justificando outras, transformadas em narrativa de vitimização e luta contra o *jornalivo*. E se prevalecer, apenas e só, o calculismo, para da fuga em direto fazer surpresa ou arma, pois lembremos o precursor da fuga em direto: Santana Lopes. Foi o primeiro-ministro de recurso que conhecemos, andou de fuga em fuga contra o próprio partido e não foi parar muito longe. Nada contra a Figueira da Foz. Era eu estudante em Coimbra e também para lá escapava com os colegas. Sucede que nunca me predispus a ser candidato a secretário-geral de um partido ou Presidente da República. ■